

CORPO DE DELITO

As sogras e fatos-de-treino

Perguntei a um taxista se não havia centros comerciais ao dispor, na cidade ou nos arredores, e ele disse que não. Que diabo, que lugar estranho



Rui Patrício

Genebra é um lugar estranho. E não é por causa dos preços, nem por causa dos bancos, nem da mistura de raças e línguas que nos faz esquecer que estamos na Suíça, nem sequer é por causa do clima de Verão quase tropical, com calor e humidade (e mosquitos). Genebra é um lugar estranho aos domingos, como descobri recentemente. Precisava de comprar uma peça de roupa para o dia seguinte (que seria de trabalho) que esquecera em casa, preparei-me para sair e perguntei na recepção do hotel qual era o melhor sítio para ir às compras. Respondeu-me a menina, solícita, que estava tudo fechado, era domingo. Nestas coisas, quando me falam noutra língua, dou sempre um desconto, não vá alguma coisa no meu cérebro ter-se "lost in translation". Por isso, agra-

deci à menina, dei de ombros e parti em demanda das lojas.

Andei, andei e nada. Nem na margem esquerda do lago-rio, nem na direita. Nada. Perguntei a um taxista se não havia centros comerciais ao dispor, na cidade ou nos arredores, e ele disse que não. Que diabo, que lugar estranho. Então onde é que estes tipos vão ao domingo, se não têm centros comerciais? Onde é que levam as crianças a brincar? Então em Genebra, ao domingo, não há um sítio para levar a sogra ou a mãe a arejar? Onde é que os casais recentes passeiam o entusiasmo, e onde é que os casais antigos ruminam o tédio? E, valha-nos Deus, onde é que se estreia o fato-de-treino reluzente? Imaginem que um tipo, num domingo à tarde, apetece-lhe desligar a Sport TV, levantar-se do sofá e levar a patroa e os catraios a passear, bem trajado com o seu fato-de-treino domingueiro. Se for genebrino, está lixado, não tem sítio para ir. Não admira que se diga que os suíços são metidos consigo. Pudera, sem um Dolce Vita não há vida doce e sem um Fórum cresce o individualismo.

Paciência, não havia shopping, andei a passear. Fui à cidade velha, corri as marginais do lago de um lado e de outro,

calcorreei Les Pâquis para ver coisas diversas, apreciei os jardins e parques e até pedi a uns japoneses que me tirassem uma fotografia junto ao jacto de água. Era preciso passar o tempo. Regressei ao hotel e, ao ver o meu ar abatido, a menina, solícita, perguntou se Monsieur tinha algum problema. Atirei-lhe com as questões do parágrafo anterior e ela elucidou-me, como cabe a uma menina da recepção. Aos domingos, os genebrinos vão passear, e têm muito por onde escolher: o lago, o rio, as montanhas, a cidade, os parques, a França ali ao lado, etc. As crianças brincam onde os pais as levam, de preferência ao ar livre. Às vezes, pais e filhos andam de bicicleta. Os casais, entusiasmados ou entediados, também são vistos por aqueles sítios, ou nos restaurantes, nos cafés, nos teatros, nos cinemas, nos bares, etc. Quanto às mães e às sogras, vivem em sítios com janelas largas e arejam quanto basta durante a semana, não precisam do domingo para o frete familiar de lhes tirar o mofo. Já os fatos-de-treino, parece que lá só se usam para o desporto e que não são indumentária domingueira. Que lugar estranho, realmente.

Advogado. Escreve ao sábado



Genebra é um lugar estranho nem os taxistas nos safam

DANIEL DAL ZENNARO/EPA